

RELAÇÃO DO BRASIL COM A ORGANIZAÇÃO DOS PAÍSES EXPORTADORES DE PETRÓLEO (OPEP)

Cibele A. G. Leite
cibelileite@gmail.com
Acadêmico do Curso de Ciências Econômicas/Unicentro
Hamilton R. Mitterer
hamilton.mitterer@gmail.com
Acadêmico do Curso de Ciências Econômicas/Unicentro
Josélia E. Teixeira (Orientador)
joseliat@hotmail.com
Professor do Curso de Ciências Econômicas/Unicentro

RESUMO: Em 1960, os países que possuíam as maiores jazidas de petróleo se uniram e criaram a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), formando um cartel que tem o objetivo de elaborar as políticas sobre produção e venda do petróleo dos países integrantes. O presente artigo tem como objetivo analisar a relação do Brasil com a OPEP. Por meio de pesquisa bibliográfica obteve-se os dados secundários sobre a produção de petróleo no Brasil e sua relação com a OPEP. Com essa análise sobre a OPEP percebe-se que ela não tem um controle tão grande nos dias atuais sobre o preço do barril de petróleo, mas ainda tem um poder elevado sobre a produção. O Brasil ainda não é um grande exportador como alguns dos principais membros da OPEP, mas vem sendo cogitado para participar, por seu grande potencial na extração e produção de Petróleo. Mas ainda não é o momento do país arriscar-se a entrar na OPEP.

Palavras-chave: OPEP; Petróleo; Pré-sal; Competitividade internacional; Cartel.

1. Introdução

Ao longo do século XX, o mercado internacional de petróleo foi cenário de muita competição e rivalidade entre os países das petrolíferas e as companhias internacionais. O petróleo se tornou um produto estratégico para o desenvolvimento dos países ao redor do mundo com forte influência na economia internacional tanto para os países que possuem reservas petrolíferas como para os que não possuem, principalmente depois de perceber-se seu alto valor energético e por ser um recurso natural não renovável.

A intensificação do uso dos derivados de petróleo resultou na dependência de tal como insumo de várias atividades industriais, principalmente como combustível utilizado nos meios de transporte.

Em 1960, os países que possuíam as maiores jazidas de petróleo resolveram se unir e criaram uma organização intergovernamental chamada de Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), que tem como objetivo a centralização da elaboração das políticas sobre produção e venda do petróleo dos países integrantes. A OPEP desenvolve estratégias na produção de petróleo estabelecendo cotas de produção para os países membros, diminuindo a oferta, fazendo o preço de o produto atingir valores elevados, proporcionando maior lucratividade para os países exportadores (FRANCISCO, 2009).

Os fundadores da Organização dos Países Exportadores de Petróleo foram o Irã, Iraque, Kuwait, Arábia Saudita e Venezuela, durante a Conferência de Bagdá em 14 de setembro de 1960 (RIBEIRO, 2003). Antes da Criação da OPEP, quem controlava praticamente toda a exploração do petróleo no mundo era um conjunto de sete grandes



empresas petrolíferas, denominadas como “sete irmãs”, essas empresas eram: Exxon, Mobil, Chevron, Texaco, Shell, Amoco e British Petroleum. Elas controlavam e definiam a quantidade e o preço de todo o petróleo produzido para reagir a isso os países explorados criou o OPEP. Atualmente, os países membros da OPEP são: Argélia, Angola, Equador, Irã, Iraque, Kuwait, Líbia, Nigéria, Catar, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Gabão, Indonésia e Venezuela (FRANCISCO, 2009).

A atuação da OPEP foi contida na década de 1960, não tendo impactos severos nos preços do petróleo. Entretanto, as condições nos contratos de longo prazo de exploração das principais empresas com os países produtores passaram a ser desvantajoso, o que resultou na nacionalização e instituição dos regimes de monopólio estatal no início dos anos 70. De um lado, ficaram as grandes multinacionais com atuação concentrada nos segmentos *downstream* (refino e comercialização), e do outro lado, as estatais de países produtores, cuja renda seria derivada da venda de petróleo cru (SILVA, 2003). Essa divisão resultou em um aumento significativo nos barris de petróleo controlando ao máximo a sua produção provocando o primeiro choque do petróleo em 1973, logo em seguida o segundo choque que ocorreu durante a crise política do Irã em 1979, também elevando os preços. O terceiro choque foi em 1991 que deflagrou a guerra do Golfo, em meio a essa crise o mundo percebeu o quanto estava dependente do petróleo e quem realmente o comandava, ou seja, os países que o produziam e o exportavam (MAXIR, 2015).

O Brasil, depois das descobertas dos recursos do pré-sal se tornou um país potencialmente relevante como exportador e produtor de petróleo, o que passou a significar grande promessa e expectativa para que o Brasil alcance um padrão elevado na estrutura social e econômica (SAUER; RODRIGUES, 2016).

O pré-sal é uma área de reservas petrolíferas encontradas sob uma profunda camada de rocha salina, que forma uma das várias camadas rochosas do subsolo marinho. As reservas que foram encontradas no litoral brasileiro são as mais profundas que já foram encontradas em todo o mundo o que explica a grande expectativa do Brasil em relação a produção de petróleo (BERTO; MENDES, 2011).

A partir de 2006, as descobertas de campos com imensas reservas de petróleo na plataforma marítima brasileira revelou o início de uma nova realidade geológica para o país e para a indústria petrolífera internacional: a província do pré-sal, mapeada em uma região que vai do norte de Santa Catarina ao sul do Espírito Santo. Diante disso e das perspectivas de produção e consumo, estima-se que, em dez anos, o Brasil obterá um excedente de cerca de 2 milhões de barris diários (Mbd) de petróleo. Coloca-se, assim, entre outros, o debate sobre as possíveis estratégias de inserção internacional de um país exportador de petróleo cru e/ ou seus derivados. Será inevitável, num futuro próximo, um debate nacional para sopesar os ônus e os bônus advindos de um possível ingresso do Brasil na Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) (BARROS; PINTO, 2010).

O Presente artigo tem como objetivo analisar e apresentar uma contextualização histórica da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e da produção de petróleo no Brasil com a descoberta do pré sal. Analisa os motivos do Brasil ainda não ser membro dessa organização e se tem chances de um dia fazer parte e quais consequências e impactos isso traria para o país. Além disso, o artigo identificará o grau de poder da OPEP desde a sua criação e se hoje ela ainda tem uma grande influência no comércio internacional do Petróleo.

O Presente artigo está composto pela introdução, fundamentação teórica, materiais e métodos, seguido de análise e discussão e por fim a conclusão e a relação do Brasil com a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP).

2 Fundamentação Teórica.

Em 1950 algumas turbulências internacionais, alguns países tentaram por duas vezes invadir o Oriente Médio a fim de assegurar suas posições estratégicas petrolíferas,

estas intervenções foram contra o Egito em 1956 e contra o Líbano e a Jordânia em 1958, após tais conflitos o suprimento de petróleo esteve em perigo e precisaram agir de forma emergencial para suprir as suas necessidades. Mesmo com tais acontecimentos ainda era exportado 43% do petróleo do Oriente Médio, com isto os produtores de petróleo observaram que um dos argumentos fundamentais do petróleo era seu preço (FIGUEIREDO, 2012).

Sendo assim, os países produtores de petróleo se conscientizaram da necessidade de criar algumas políticas nacionais de acordo com seu desenvolvimento econômico e progresso social, lembra neste aspecto o nacionalismo voltado ao petróleo, passaram a acreditar que não era necessário concorrer com produtores do próprio país com medo de retaliação, tentaram então se erguer de forma pacífica. (SOUZA, 2003)

Em agosto de 1960, a Standard Oil of New Jersey anunciou uma redução de 0,14 centavos de dólar por barril de petróleo, isto causou uma redução de 7% sobre o preço praticado pelo Oriente médio, logo outras empresas do ramo seguiram a Standard (SOUZA, 2003).

Em 14 de setembro de 1960 o grupo fundou uma nova organização a fim de enfrentar as companhias internacionais de petróleo, esta foi chamada de Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). Outra breve análise a se fazer é que estava surgindo um novo oligopólio no mercado.

O principal objetivo do OPEP em sua criação era uma ação protecionista dos preços, em sua essência, desta forma podendo estar mais bem posicionado no mercado internacional e também se proteger contra a política de preços impostas por outras companhias internacionais. Mesmo com a criação do OPEP ainda não representava muitas ameaças para as grandes empresas petrolíferas (FIGUEIREDO, 2012).

Utilizaram também de algumas bases de mercado a qual se podem também entender como informação perfeita observando o mercado mundial de petróleo estava com excesso de oferta o que gerou algum atrito entre os produtores a fim de se manterem vivos no mercado, então ainda não poderiam executar seu plano de isolar algumas companhias para ter acesso aos mercados das mesmas (SOUZA, 2003).

Ainda em 1960 com uma fase favorável ao mercado, a OPEP começa a montar algumas estratégias para tais indústrias, como se pode observar as regras dos jogos começavam a mudar para a tanto no âmbito exportador de produtos quanto na relação de compra internacional. (SOUZA, 2003).

A OPEP começava a crescer via a estabilização dos preços, tais efeitos podem formar choques de mercado (FIGUEIREDO, 2012). Os choques de mercado vieram a partir de 1973 para a organização, havia um excedente de mais de 3 milhões de barris por dia no mundo, em 1973 esta média caiu pela metade o que representava cerca de 3% da demanda total, tudo isto ocorreu devido a cortes de produção pelos países árabes. Outro choque que abalou tal mercado foi um aumento exponencial dos preços do barril e um embargo o qual durou cinco longos meses que tinha um fundamento um pouco político que visava tirar Israel de algumas terras árabes, que gerou uma unificação dos países árabes em tais metas e objetivos (SOUZA, 2003).

O pós-crise de 1973 também influenciou tal mercado, influenciaram também entre negociações nacionais e internacionais e tiveram alguns privilégios políticos devido aos "Anos de Ouro do OPEP". Outra crise veio assolar os produtores de petróleo em 1979, com a revolução Islâmica que ocorreu no Irã, houve um grande crescimento na produção de petróleo do Irã por algum tempo porém isto não suficiente ao mercado, quando suas exportações cessaram, outros países tiveram que absorver tais exportações para tentar manter o negócio ativo e funcionando a todo vapor (FIGUEIREDO, 2012).

Não foram apenas as crises que influenciou tal setor, mesmo havendo inúmeros acontecendo nos anos seguintes, visto que o preço do petróleo não teve eficiências ao achar um equilíbrio de mercado, isto levou a busca por outras fontes de energia como o



carvão, a energia nuclear e o gás natural, com isto geraram problemas internos no sistema que OPEP tentava programar. Com isto a desestabilização do OPEP fez com que seus participantes acabassem negociando abaixo do preço ou até realizando vendas em segredo (FIGUEIREDO, 2012).

Na década de 90, começaram com as lutas pelos recursos petrolíferos do Golfo Pérsico, pois o mundo estava cada vez mais independente devido a chamada guerra do Golfo. Com a crise vieram alguns apontamentos muito importantes para a época, a primeira era a segurança energética e as discussões políticas sobre o abastecimento também com a maior segurança possível (SOUZA, 2003).

Somente na década de 90 OPEP teve sua reação no mercado internacional, isto se deu, devido ao mercado não teve uma demanda tão maior pelo consumo do petróleo do que pelo que estava sendo produzido no mundo todo (CERQUEIRA, 2012).

3. Materiais e métodos

A pesquisa deu-se por meio de pesquisa bibliográfica. Foram utilizados artigos científicos, livros, períodos e adição por meio eletrônico buscou-se dados secundários desde a criação da OPEP, da entrada de seus membros e a produtividade de petróleo no Brasil, foi consultado sites que são referência na área, como Porta da OPEP e Petrobrás para análise e conclusão dos resultados.

4. Análise e Discussão

4.1 Produção de petróleo no Brasil

O Brasil é um dos países que mais desenvolveu sua indústria de petróleo nas décadas recentes no mundo, e é também um dos que têm melhores perspectivas de crescimento para os próximos anos. Esse momento positivo da indústria de óleo e gás nacional teve início na década de 1980 com a exploração em águas profundas, que acabou culminando nas descobertas, no final da década de 2000, de grandes reservatórios na chamada camada pré-sal, que devem dar impulso para o setor no longo prazo. As reservas do pré-sal constituem a possibilidade de reversão de uma tendência histórica brasileira de importador de petróleo, já que com estas descobertas se prevê um cenário onde o país irá ter petróleo em quantidade suficiente para se tornar um exportador líquido da mercadoria. No entanto, apesar de toda a euforia criada pela descoberta do pré-sal, ainda não se tem com clareza qual o tamanho de seu impacto econômico para o Brasil (LOSEKANN; PERIARD, 2013).

A Petróleo Brasil S/A (Petrobras) foi criada no dia 3 de outubro de 1953, pelo então presidente Getúlio Vargas, tendo como principal objetivo a exploração petrolífera no Brasil em prol da União, impulsionado pela campanha popular iniciada em 1946, cujo *slogan* era “o petróleo é nosso”. Consiste numa empresa estatal de economia mista, ou seja, é uma empresa de capital aberto, sendo o Governo do Brasil o acionista majoritário. A Petrobras atua nos seguintes segmentos: exploração, produção, refino, comercialização e transporte de petróleo e gás natural, petroquímica, distribuição de derivados, energia elétrica, bicombustíveis, além de outras fontes energéticas renováveis (FRANCISCO, 2010).

Na década de 1960, novas medidas ampliaram o grau de atuação da Petrobras na economia brasileira. No ano de 1968, a empresa passou a desenvolver um projeto de extração, iniciando a exploração de petróleo em águas profundas. Após as primeiras descobertas, outras prospecções ampliaram significativamente a produção petrolífera brasileira. Sendo assim, o petróleo passou a ser uma das principais *commodities* minerais produzidas pelo Brasil e comercializadas mundialmente (LUSTOSA, 2002 e THOMAS, 2001 apud SCHIAVI; HOFFMANN, 2017).

No ano de 1975, houve o lançamento do Proálcool (Programa Brasileiro de Álcool), criado para substituir em larga escala o uso de derivados do petróleo devido à alta no preço

do barril. No ano de 1974 foi descoberto petróleo na Bacia de Campos, mas o início da exploração se deu no ano de 1977, com a entrada em operação do Campo Enchova, produzindo petróleo a 120 metros de profundidade, considerada grande para a época (LUSTOSA, 2002 e THOMAS, 2001 apud SCHIAVI; HOFFMANN, 2017).

Com o passar do tempo, o Brasil tornou-se uma das únicas nações a dominar a tecnologia de exploração petrolífera em águas profundas e ultraprofundas. Em 1997, durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, uma lei aprovou a extinção do monopólio estatal sobre a exploração petrolífera e permitiu que empresas do setor privado também pudessem competir na atividade. Tal medida visava ampliar as possibilidades de uso dessa riqueza (SOUSA, 2009).

Atualmente, existem 49 empresas que atuam no Brasil na extração e produção de petróleo como pode ser visto na Tabela 3.

Tabela 3: Concessionárias produtoras de petróleo no Brasil.

Concessionária	Petróleo (barris)
Petrobras	742.975.318,90
BG Brasil	49.797.132,79
Repsol Sinopec	18.763.274,93
Statoil Brasil	15.875.576,05
Petrogal Brasil	12.000.469,73
Shell Brasil	13.491.035,69
Sinochem Petróleo	10.583.717,36
Parnaíba Gás Natural	3.136,79
Queiroz Galvão	79.260,34
ONGC Campos	4.749.748,39
OGX	4.900.626,97
Chevron Frade	4.398.058,77
QPI Brasil Petróleo	4.046.081,96
HRT O&G	3.055.534,79
BPMB Parnaíba	1.344,34
Chevron Brasil	2.377.837,40
Frade	1.552.156,03
Brasoil Manati	17.613,41
Geopark Brasil	17.613,41
Gran Tierra	221.570,24
Petrosynergy	192.482,84
OP Pescada	35.788,02
Nova Petróleo Rec	154.793,80
OP Energia	21.648,91
UTC EP	77.968,53
SHB	76.911,09
Partex Brasil	75.340,41
Recôncavo E&P	47.360,56
Santana	31.352,17
ERG	185,62

Concessionária	Petróleo (barris)
Alvopetro	13.110,37
Panergy	79,55
Sonangol Guanambi	4.099,87
Vipetro	4.574,32
Severo Villares	3.922,27
EPG Brasil	3.624,31
Central Resources	3.000,11
Petro Vista	2.735,45
Aurizônia Petróleo	2.520,10
Phoenix	1.812,85
UP Petróleo	2.188,36
Egesa	1.770,14
Genesis 2000	1.370,76
Guto & Cacal	877,13
TDC	547,09
Nord	207,69
Oeste de Canoas	0,38
Phoenix Petróleo	9,45
Quantra	2,4

Fonte: TECPETRO (2015).

Percebe-se que apesar da Petrobras ter a maior produção de barris de petróleo no Brasil, há várias outras empresas privadas que também se beneficiam do recurso no país, a tendência é cada vez aumentar mais a produção e exportação diminuindo a importação que ainda ocorre. Pode-se observar no Gráfico 1 a perspectiva para os próximos anos que são de grande expectativa para o país.



Gráfico 1: Expectativa para Produção, Consumo (eixo esquerdo) e Exportações líquidas (eixo direito) de petróleo no Brasil – 2010 – 2035 (em milhões de bbl/d).

Fonte: LOSEKANN E PERIARD (2013).

Como aqui o objetivo é destacar a trajetória de aumento da produção e a situação de exportador líquido para o Brasil, não se fizeram cenários destas variáveis para todos os países do mundo, mas sim se comparou a trajetória brasileira com os dados históricos observados de forma a mostrar qual seria a posição relativa do Brasil em 2035 frente aos parâmetros observados hoje na realidade econômica (LOSEKANN, PERIARD, 2013).

A produção de petróleo no Brasil alcançou 2,55 milhões de barris por dia (bbl/d) em março de 2017, crescimento de 12,6% em relação ao mesmo mês de 2016 e queda de 4,7% na comparação com o mês anterior. A produção do pré-sal correspondeu a 47% do total extraído no Brasil em março. Foram produzidos aproximadamente 1,499 milhão de barris de óleo equivalente por dia. A produção de petróleo foi aproximadamente 1,208 milhão de barris por dia e a de gás natural, de 46,25 milhões de metros cúbicos por dia (m³/d), redução de 2,4% em relação ao mês anterior (VILLELA, 2007).

O Brasil já está sendo cogitado para fazer parte da OPEP, desde que esteja disposto a cumprir com as responsabilidades e obrigações impostas aos países membros. O professor do Mackenzie, Francisco Cassano afirma que entrar na OPEP hoje seria um erro, uma vez que ainda não se sabe o tipo de petróleo que será extraído da camada pré-sal.

Devemos primeiro esperar para saber qual o tipo de petróleo, depois será um jogo. Se tivermos petróleo de boa qualidade, não deveremos entrar na Opep, uma vez que deixaremos de importar e supriremos o mercado interno, para depois começar a exportar. E se tivermos muito, devemos angariar mercados, ganhar em valor, sem nos submetermos às vontades de um grupo. Agora, se a qualidade for inferior, sim devemos entrar, uma vez que teremos a ajuda da Opep para direcionar o nosso produto. Por isso é um jogo (CASSANO, 2017).

A OPEP é contraditória e prejudicará o Brasil. Primeiro pede para produzirmos muito, depois avisa que agora sabe que temos capacidade, mas não quer que a utilizemos. Assim, perdem-se investimentos, infraestrutura, lucro, mão de obra, não vale a pena (SEGATTO, 2017).

As chances de o Brasil entrar para a OPEP no futuro são grandes, mas não se tem certeza, pois no momento não seria benéfico para o país, isso dependerá de vários fatores que ainda não são concretos sobre o petróleo brasileiro e sua produção.

O Brasil está no caminho de aumentar acentuadamente suas exportações de petróleo, uma vez que grandes investimentos do passado estão gerando nova produção e a demanda externa pelo óleo mais leve do pré-sal ganha novos compradores, especialmente na China e na Índia. A produção do país neste ano deverá crescer em 210 mil barris por dia, um aumento inferior apenas ao dos Estados Unidos entre os produtores de fora da Organização dos Países Exportadores de Petróleo, com a oferta adicional dificultando o esforço liderado pela Opep para elevar os preços por meio de cortes (NOGUEIRA; TEIXEIRA, 2017).

O Brasil está no caminho de dar um salto nas suas exportações de petróleo, uma vez que grandes investimentos do passado estão gerando nova produção e a demanda externa pelo óleo mais leve do pré-sal, o que enfraquece os esforços liderados pela OPEP para elevar os preços da *commodity* e evita cortes de produção (NOGUEIRA; TEIXEIRA 2017).

5 Conclusões

Este trabalho teve por objetivo analisar a parte histórica do OPEP e também uma parte de sua formação desde criação, estruturação, e desenvolvimento até chegar ao Brasil,



o qual está sendo cogitado pelo OPEP depois de alguns acontecimentos mundiais e a descoberta do pré-sal.

Porém, a descoberta da camada do pré-sal, ainda não se sabe a quantidade e qualidade de todo o produto encontrado, alguns autores trazem algumas análises onde demonstram que seria um erro o Brasil entrar para OPEP, uma vez que se o produto for de qualidade e em vasta quantidade pode suprir o mercado nacional e virar referência ao exportar o mesmo. Outro ponto a se considerar é que existem muitas leis e regras envolvidas com os países que fazem parte desta organização, como ser um grande exportador e outra é obedecer ao sistema de produção, que muitas vezes opera abaixo da capacidade de produção.

Com essa análise sobre a OPEP percebe-se que ela não tem um controle tão grande sobre o preço do barril de petróleo, mas ainda tem um poder elevado sobre a produção, pois os maiores produtores e exportadores de petróleo são membros dessa organização. O Brasil ainda não é um grande exportador como alguns dos principais membros da OPEP, mas vem sendo cogitado para participar, por seu grande potencial na extração e produção de Petróleo. Mas ainda não é o momento do país arriscar-se a entrar na OPEP.

Referências

BARROS e PINTO, Pedro Silva e Luiz Fernando Sanná. **O BRASIL DO PRÉ-SAL E A ORGANIZAÇÃO DOS PAÍSES EXPORTADORES DE PETRÓLEO (OPEP)**. IPEA, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4701/1/BEPI_n4_brasil.pdf> Acesso em: 27 de jun. 2017.

BERTO e MENDES, Alan de Sousa e Bryan Lima. **As complexidades da exploração do pré-sal no que se refere à inovação na indústria em engenharia e novos materiais, mão de obra e aspectos econômicos e geopolíticos**. Essentia Editora, 2012. Disponível em: <<http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/BolsistaDeValor/article/viewFile/2393/1282>>. Acesso em: 23 de ago. 2017.

CASSANO. Mackenzie Francisco. **Brasil começa a ser cogitado para fazer parte da Opep**. Pibernat. Disponível em: <<http://www.pibernat.com.br/index.php/noticias/274-brasil-comeca-a-ser-cogitado-para-fazer-parte-da-opep.html>>. Acesso em: 27 de jun. 2017.

Figueiredo, Reginaldo Santana, **TEORIA DOS JOGOS: CONCEITOS, FORMALIZAÇÃO MATEMÁTICA E APLICAÇÃO À DISTRIBUIÇÃO DE CUSTO CONJUNTO**. Scielo. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gp/v1n3/a05v1n3.pdf>> Acesso em: 17 jun. 2017.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueria e. **"Opep"**. Brasil Escola. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/opep.htm>>. Acesso em: 28 de ago. 2017.

JUNIOR, Antonio Gasparetto. **Crise do Petróleo**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/economia/crise-do-petroleo/>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

LOSEKANN e PERIARD, Periad, Luciano Losekan, **Projeções do Pré-sal: O Brasil será um petro-estado?** Infopetro, 2013. Disponível em: <<https://infopetro.wordpress.com/2013/05/20/projecoes-do-pre-sal-o-brasil-sera-um-petro-estado/>> Acesso em: 26 de jun 2017.



MAXIR, Henrique dos Santos. **O mercado internacional de petróleo: a influência da OPEP e o poder de mercado.** Tese e Dissertação USP, 2003. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11132/tde-16032016-153002/pt-br.php>>. Acesso em: 23 de ago. 2017.

NOGUEIRA, TEIXEIRA, Marta e Marcelo. **ANÁLISE-Exportação de petróleo do Brasil saltará em 2017, enfraquecendo cortes da Opep.** Reuters, 2016. Disponível em: <<http://br.reuters.com/article/businessNews/idBRKBN1722L8-OBRS>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

RIBEIRO, Amarolina. **Opep Organização dos Países Exportadores de Petróleo.** Info Escola 2003. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/geografia/opep-organizacao-dos-paises-exportadores-de-petroleo/>>. Acesso em: 28 de ago. de 2017.

SAUER E RODRIGUES, ILDO L. e LARISSA ARAÚJO. **Pré-sal e Petrobras além dos discursos e mitos: disputas, riscos e desafios.** Scielo. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000300185> Acesso em: 23 de ago. de 2017.

SEGATTO, Roberto. **Brasil começa a ser cogitado para fazer parte da Opep.** Pibernet, 2017. Disponível em: <<http://www.pibernet.com.br/index.php/noticias/274-brasil-comeca-a-ser-cogitado-para-fazer-parte-da-opep-.html>>. Acesso em: 27 de jun. de 2017.

SILVA, C.M.S. **Estratégia de Preços da Petrobras no mercado de combustíveis brasileiro pós-liberação e instrumentos de amortecimento de variações internacionais.** 2003. 110 p. Dissertação (Mestrado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

SCHIAVI e Hoffmann, LUSTOSA; THOMAS. **CENÁRIO PETROLÍFERO: SUA EVOLUÇÃO, PRINCIPAIS PRODUTORES E TECNOLOGIAS.** Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2104/3385>>. Acesso em: 26 de jun. de 2017.

SOUZA, Celinalva das Graças Gonçalves. **O PAPEL DO OPEP NO MERCADO INTERNACIONAL DE PETROLEO.** Universidade Candido Mendes, 2003. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/22/CELINALVA%20DAS%20GRACAS%20GONSALVES%20DE%20SOUZA.pdf>> Acesso em: 22 jun. 2017.